



HOMEM COMO SER BIOPSIKOESPIRITUAL E DEVOÇÃO RELIGIOSA SEGUNDO VIKTOR FRANKL

MAN HOW TO BE BIOPSYCHOSPIRITUAL AND RELIGIOUS DEVOTION
ACCORDING TO VIKTOR FRANKL

*Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza**
*Prof. MSc. Sérgio da Cunha Falcão***

RESUMO

A compreensão da essência da natureza humana e sua relação com a devoção religiosa, como busca pelo sentido último da existência, tem sido uma questão muito estudada pela Filosofia, Teologia, Ciências da Religião e Psicologia. O objetivo do presente artigo é apresentar uma reflexão sobre esse tema, na óptica da antropologia filosófica tridimensional do neuropsiquiatra Viktor Frankl. Foi realizada uma revisão das principais obras desse autor, com ênfase nos fundamentos antropológicos de sua Logoterapia. Para Frankl, o homem é um ser espiritual que existe como unidade e tridimensional totalidade corpo-alma-espírito. A dimensão noológica (espiritual) contém o racional, o moral, o intelectual, o emocional e as singularidades humanas existenciais de liberdade de decisão e responsabilidade, perante os valores atrativos da vida e da busca pelo sentido último da existência, expressada na devoção religiosa. Somos senhores de nossa vontade, mas servos de nossa voz espiritual da consciência, que nos capacita a sintonizar a lei moral eterna, diante de situações concretas de sentidos a serem realizados na vida. Cada ser humano tem uma missão a realizar que é somente dele, como ser insubstituível e capaz de encontrar sentido até no sofrimento. Para o

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre e Licenciado em Filosofia (UFPE-UFPB-UFRN). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco, membro do colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e professor do Curso de Licenciatura em Filosofia. E-mail: jtadeuoli@hotmail.com

** Doutorando em Ciências da Religião UNICAP (2017). Médico Professor do Departamento de Cirurgia da UFPB. Professor de Teologia da FICV. Mestre em Saúde Pública UEPB. Graduado em Medicina UFPB. Graduado em Teologia FTSA (2018). E-mail: sergioeadeliafalcao@gmail.com



ser humano religioso, apesar de envolver o risco de escalar lugares mais altos e envoltos por neblina, a realização dessa última tarefa se torna muito mais fácil que para a pessoa irreligiosa. Na devoção religiosa sadia, na qual o homem se apegua ao perdão misericordioso de um Deus amoroso, as aflições são mais facilmente enfrentadas com ânimo e paz incondicionais.

Palavras-chave: Religiosidade; Ontologia Humana; Logoterapia.

ABSTRACT

The understanding of the essence of human nature and its relationship with religious devotion, as a search for the ultimate meaning of existence, has been an issue much studied by Philosophy, Theology, Religion Sciences and Psychology. The aim of this article is to present a reflection on this theme, from the perspective of three-dimensional philosophical anthropology of the neuropsychiatrist Viktor Frankl. As a method, a review of the main works of this author was carried out, with emphasis on the anthropological foundations of his Logotherapy, in dialogue with other understandings. For Frankl, man is a spiritual being that exists as unity and three-dimensional body-soul-spirit totality. The noological (spiritual) dimension contains the rational, moral, intellectual, emotional and existential human singularities of freedom of decision and responsibility, before the attractive values of life and the search for the ultimate meaning of existence, expressed by religious devotion. We are masters of our will, but servants of our voice of conscience, in the sense that it comes from the spiritual unconscious, which enables us to tune into the eternal moral law, in the face of concrete situations of meanings to be realized in life. Life summons every human being to a mission to accomplish that is his alone, as being neither disposable nor replaceable; able to find meaning even in suffering. For the religious human being, despite involving the risk of climbing higher places and surrounded by fog, the accomplishment of this last task becomes much easier than for the irreligious person. In healthy religious devotion, in which man clings to the merciful forgiveness of a loving God, afflictions are more easily faced with unconditional spirit and peace.

Keywords: Religiouness; Human Ontology; Logotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Comentando sobre a natureza singular do homem – “sua essência, peculiar, sua razão e sua vontade, seu pensamento e sua linguagem, sua religião e sua moralidade” –, Bavinck (2001, p. 218) nos lembra que, “o homem se coloca acima do plano animal. [...] o animal não pode entender o homem, apesar do homem poder entender o animal”. Esse autor traz uma reflexão interessante sobre a diferença entre a “consciência dos animais” e a consciência dos seres humanos:

Em todos os seus pensamentos e em todas as suas obras, em toda a vida e atividade do homem, fica claro que ele é uma criatura que não pode ser plenamente satisfeita com o que o mundo físico tem para oferecer. De fato, ele é um cidadão de uma ordem física, mas ele também se ergue acima dessa ordem para uma ordem sobrenatural. Com seus pés firmemente plantados no chão, ele levanta sua cabeça e lança seu olhar para cima. Ele tem conhecimento de coisas que são visíveis e temporais, mas também tem consciência de coisas que são invisíveis e eternas. Seu desejo vai além do que é terreno, sensorial e transitório e alcança também os bens celestiais, espirituais e eternos (BAVINCK, 2001, p. 18).

Como complementação à Bavinck, Frankl (2017, p. 75) afirma que, “[...] assim como o animal não tem condições de entender o ser humano e seu mundo a partir do seu próprio *habitat*, também o ser humano não tem condições de apreender o supramundo, a ponto de entender Deus ou mesmo entender seus desígnios”. O sentido último, ou “suprassentido”, precedido pela crença em um “Ser último: pela crença em Deus”, está para além da compreensão intelectual e da lógica humanas (FRANKL, 2011, p. 181). Quando o homem sai desse solo puramente racional e caminha no solo existencial-espiritual, lança-se para fora de si, sem perder-se, por meio da autotranscendência vertical, voltada para o *Alguém* ou *Outro absoluto*. Nesse terreno, o conhecimento se cala em sua inutilidade e surge a fé, pois “o que é incompreensível, não precisa ser necessariamente inacreditável” (FRANKL, 2017, p. 116). Frankl fala que, diferente do sentido na vida e do sentido da vida, que dependem diretamente do ser humano escolher este ou aquele sentido a se concretizar – uma ação praticada ou obra criada, amar alguém ou a própria vida –, o sentido último é um sentido mais abrangente, não apreensível somente pela razão, mas sim pela fé. É o sentido do todo, o sentido da vida como um todo. “Porém, quanto mais amplo for o sentido, menos compreensível será” (FRANKL, 2017, p. 104). E, “o sentido último existirá independente de o ser humano optar por ele ou não” (MEIRELES, 2015, p. 106).

Reintegrando as “ciências da mente com a ciência do espírito”, a Psicologia da Religião vem se afirmando diante da necessidade legítima, clínica e ética de estudo dos problemas religiosos e espirituais (LEEMING; MADDEN; MARLAN, 2010, p. vii, viii). Assim, saindo de uma visão da religião como um fenômeno meramente psicológico – como pensavam William James (1842-1910), Jung e Eric Fromm (1900-1980) –, o psiquiatra, neurologista e terapeuta Viktor Emil Frankl (1905-1997) trouxe

à tona uma nova compreensão da constituição humana e fundou a escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista denominada de Logoterapia. Nessa psicoterapia do sentido da vida, esse autor traz a concepção de que cada ser humano é um ser único e constituído por dimensões somática (corpo), psíquica (mente) e noológica (espiritual). Essa última, também chamada de noética, está acima da facticidade psicofísica, não se restringe às vontades impulsivas de prazer e poder, e é entendida não apenas como dimensão religiosa, mas também valorativa, intelectual e artística (FRANKL, 1978, p. 166, 2017, p. 6).

O objetivo do presente artigo é apresentar uma reflexão sobre a essência da natureza do ser humano e sua devoção religiosa como busca pelo sentido último da existência, na óptica da antropologia filosófica tridimensional de Viktor Frankl. Com essa finalidade, foi realizada uma revisão das principais obras desse autor, com ênfase nos fundamentos antropológicos de sua Logoterapia, em diálogo com compreensões filosóficas, religiosas e teológicas da dimensão espiritual humana concebida por outros autores.

2 SER HUMANO BIOPSIKOESPIRITUAL

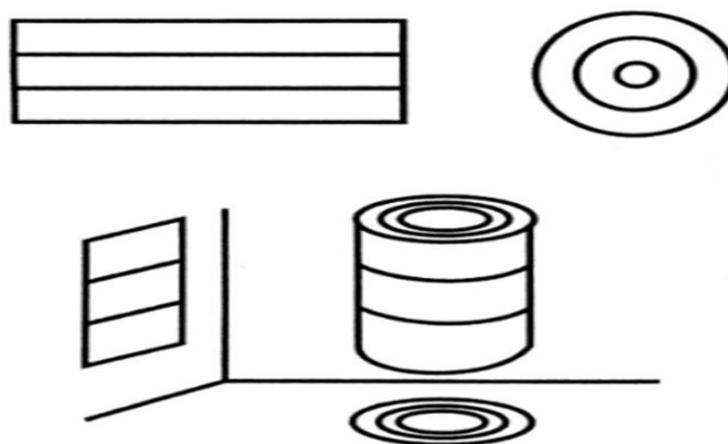
Algumas pessoas acreditam que o ser humano é uma unidade material/corporal ou ideal/mental; acreditam assim no monismo, no qual o corpo ou a mente é a única coisa que existe. Outros concebem que o homem é formado por duas partes (dicotomia ou teorias dualistas): uma parte material, física (corpo) e outra imaterial, não física (mente ou alma/espírito), que agem de maneira interativa, ou paralela, ou como epifenômeno uma da outra (GEISLER; FEINBERG, 2016; GRUDEM, 2010, p. 388). Um terceiro grupo acredita na teoria tricotomista, na qual somos constituídos de corpo, mente e espírito, correspondendo aos termos, em hebraico, grego e latim, transliterados para o português como:

- a) *basar* (hebraico), *soma* ou *sarx* (grego), *corpus* (latim) – corpo;
- b) *nephesh* e *leb* (hebraico), *psykhé*, *kardia* ou *nous* (grego), *anima* (latim) – alma ou mente;

c) *rûach* (hebraico), *pneûma* (grego), *spiritus* (latim) – espírito (GRUDEM, 2010, p. 388; MIELE; POSSEBON, 2012, p. 409; ALMEIDA, 2016, p. 39-46).

Assim, a ideia de que temos três necessidades ou elementos existenciais inseparáveis tem sido estudada por filósofos, teólogos, psicólogos, psiquiatras e cientistas da religião, e “[...] é reconhecida pela maioria das religiões ditas ‘primitivas’ e orientais” (MIELE; POSSEBON, 2012, p. 409). Nesse sentido, inovando nas áreas de Psicologia, Psiquiatria, Filosofia e Antropologia da Religião, com a corrente de pensamento denominada de Logoterapia e Análise Existencial, o médico neuropsiquiatra Viktor Frankl integrou a terceira dimensão do homem na psicoterapia, que antes dele, “tinha sido literalmente uma psicoterapia ‘sem espírito’” (LUKAS, 1989, p. 30). Para Frankl (2017, p. 23), o ser humano é uma “pessoa espiritual”, com um eixo espiritual-existencial, que tem estratos concêntricos circundantes psíquico e físico (ver Figura 1). E, somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e “totalidade tripla” que faz do homem um ser integrado “biopsicoespiritual”. Assim, manifestações espirituais, psíquicas ou físicas podem ocorrer nos níveis permeáveis consciente, pré-consciente e inconsciente (FRANKL, 2017, p. 23).

FIGURA 1 – SER HUMANO BIOPSIKOESPIRITUAL: EIXO PESSOAL ESPIRITUAL-EXISTENCIAL, MENTE E CORPO



Fonte: Viktor Frankl (2017, p. 24)

Assim, nessa antropologia tridimensional de Frankl, o ser humano apresenta três elementos:

- a) um estrato corporal fisiológico (corpo físico), que também existe até mesmo em seres vivos estruturalmente bem mais simples, como os vegetais, vírus, bactérias e fungos; os quais têm propensão, tendência ou inclinação para direcionar-se para algo pré-determinado, como acontece com os tropismos positivos dos vegetais em direção à luz, à água, às substâncias químicas e ao contato físico;
- b) um segundo tomo psíquico, psicológico e instintivo (mente), que compartilhamos com os animais irracionais. O físico e o psíquico [e o genético, e epigenético] não podem ser separados tão facilmente como facticidade biológica dos animais, com comportamentos característicos de cada espécie e direcionados a situações típicas. Ou seja, de acordo com os instintos de sua espécie, os animais reagem a certos sinais de seu meio ambiente segundo um esquema rígido, predeterminado filogeneticamente;
- c) e, um componente noológico (espírito) especificamente humano, que abrange não somente instinto vital de sobrevivência e procriação, proveniente do “seu psicofísico”; mas tem também uma consciência ética, que permite ao homem existir como um “ser que decide”, um “ser separado”, um ser indivíduo. Se decide, é um “ser-responsável”, pois responde a algo ou alguém, usando sua consciência moral. Somente com essa dimensão espiritual, existencial e abrangente, que estabelece a unidade e totalidade do ente biopsicoespiritual humano, é que o homem tem autoconsciência para olhar para si mesmo, para os outros, para o mundo e para o transcendente invisível, e consegue dizer que “é espiritual” e “tem” uma condição psicofísica (e social) não absolutamente determinista. E, como dono dessa sua parte instintiva animal, aparentemente poderosa, ele a enfrenta com a força desafiadora do espírito, que dispõe da liberdade decisória e responsável do “eu” espiritual (FRANKL, 2017, p. 22, 23).

Para Frankl (1978, p. 165, 166), enquanto o animal “é os seus instintos” em seu obrigatório paralelismo psicofísico unitário corpo-alma, o homem pode distanciar-se dos seus instintos; por meio da capacidade exclusivamente humana de facultativo antagonismo psicoonético, sendo um ser espiritual que existe como unidade e tridimensional “totalidade corpo-alma-espírito”. Ou seja, a dimensão noológica, ou

interior do espírito, contém o racional, o moral, o intelectual, o emocional e o existencial, peculiarmente constituintes do *Homo humanus* e *Homo patiens* que, ultrapassando o *Homo machine* e o *Homo natura*, usa a arte (literária, musical, escultura, pintura, dança, teatro...) ou a prece para comunicar o belo e o santo, e dar um sentido à dor e sobreviver na esperança (FRANKL, 2014, p. 69, 70, 192; XAUSA, 2017, p. 8). E, dentre os existenciais do ser humano estão:

- a) a espiritualidade, expressada como amor, devoção religiosa, consciência moral, criatividade estética, humor e poder consolador;
- b) a liberdade perante as pulsões, predisposições hereditárias e o mundo circundante;
- c) e a responsabilidade como resposta pessoal à própria liberdade de decidir, perante o que e quem, como reação ao poder atrativo dos valores ou caminhos que dão sentido à vida (FRANKL, 2014, p. 72).

Segundo González (2015, p. 109), na Antiguidade, os filósofos e outros se referiam a alma (*anima*, em grego) como “o poder que dá vida a um corpo”. Nessa concepção, animais, vegetais e seres humanos possuem corpo e *anima*. No entanto, eles também afirmavam que, diferente dos outros seres vivos, que têm apenas corpo e *anima*, os seres humanos são constituídos de um terceiro elemento: o *nous* (o intelecto, a mente), “o espírito ou a ‘alma racional’”, com seu centro de consciência (GONZÁLEZ, 2015, p. 109). Para Frankl (1978, p. 269), a dimensão noológica faz do homem um ser livre e “responsável por sua autodeterminação”. O ser humano nasce essencialmente predisposto a relacionar-se para qualquer coisa diferente de si, e com vontade de sentido; de responder à pergunta: o que a vida espera de mim? É desse componente genuíno da personalidade humana que provêm nossas capacidades de busca de sentido, liberdade responsável, intencionalidade e preocupação com valores éticos e religiosos. E, como portador de uma dimensão espiritual, o ser humano não é um homúnculo, mas sim um *Homo humanus*, capaz de abrir janelas para uma autotranscendência pessoal e interpessoal (MEIRELES, 2015, p. 30). A interpessoalidade se expressa tanto no sentido horizontal, encontrando um legado a cumprir, uma causa para servir ou uma pessoa para amar; quanto no sentido vertical, que se dirige ao encontro do sentido último: suprassentido ou “significado último e absoluto” (MEIRELES, 2015, p. 44). Não se concebe o valor máximo como tal – o

summum bonum – senão vinculado a uma pessoa, e a uma pessoa de sumo valor, “a *summa persona bona*”, *superpessoa*, valor absoluto, árbitro divino; o *Totalmente Outro* ou Deus transcendente (FRANKL, 1978, p. 261; KLINGBERG, 2010, p. 334).

Suplementando a ontologia tridimensional descrita previamente, Frankl (2017, p. 24) nos explica que tanto dentro do eixo nuclear pessoal espiritual-existencial, quanto nos estratos periféricos psicofísicos, “qualquer manifestação, seja ela espiritual, psíquica ou física, pode ocorrer em qualquer um dos níveis: consciente, pré-consciente ou inconsciente”. Diferente da nítida separação antagônica entre a esfera psicofísica instintiva (mente entremeada com corpo) e a esfera espiritual-existencial (espírito), esses três níveis se apresentam permeáveis (FRANKL, 2017). Também, é importante esclarecer que, na óptica de Frankl (2017), embora a dimensão noológica possa ser chamada de espiritual, refere-se a uma conceituação antropológica e filosófica, muito mais do que teológica. Esse componente integrativo apresenta o homem como um ser em cuja essência há um inconsciente espiritual (eu espiritual), com uma devoção religiosa inconsciente; oculta ou reprimida em irreligiosos, mas capaz de prover ligação com o transcendente divino. Nessa intenção de firmar sua Logoterapia como psicoterapia não relacionada a nenhuma religião ou teologia específica, esse psiquiatra descreve três erros que devem ser evitados na interpretação de sua tese. Primeiro, ele adverte que essa “tendência inconsciente em direção a Deus” não significa dizer que o inconsciente humano é divino – como creem os panteístas (FRANKL, 2017, p. 58). O segundo equívoco seria achar que o inconsciente tem o saber divino da onisciência ou, pelo menos, um saber mais do que o eu. E, como terceiro engano seria entender que esse inconsciente age como um impulso religioso que impele ou obriga a pessoa à Deus. Assim, diferente de Carl Jung, para Frankl (2017, p. 61), “a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo”, como um mundo arquetípico de imagens, inato e preso à nossa mente biológica, porque pertence “às decisões mais pessoais e próprias do eu, decisões essas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id”.

Na visão de Frankl (1978, p. 261), a Antropologia tem de “deixar aberta a porta ao mundo, ao transmundo e “à transcendência”, por onde passa, contudo, a sombra do absoluto”. Essa postura de Frankl que traz o transcendente e a religiosidade para a

Psicologia da Religião mostra que a dimensão noética ou espiritual “oferece um elo conceitual entre a antropologia filosófica e a metafísica”, pois é pela estrutura ontológica espiritual, não ligada à contingência e à finitude humanas, que o homem participa do modo infinito de ser (MEIRELES, 2015, p. 118). Sobre a origem e características dessa parte da essência da natureza humana, sendo o objeto de estudo invisível, é possível encontrar teses sobre esse tema na Filosofia, Teologia e livros sagrados de algumas religiões. Assim, González (2015) nos mostra que, na área de Ciências da Religião e Teologia, existem, pelo menos, quatro sistemas explicativos sobre o espírito ou alma¹.

- a) panteísmo ou monismo radical. A cosmologia neoplatônica de Plotino (205-270 a.C.) e a filosofia ocultista de seus alunos Pórfiro (233-309 a.C.) e Jámblico (245-325 a.C.) representam a forma mais clara de panteísmo; inclusive influenciado pelos escritos orientais e ocultistas/mágicos atribuídos a Hermes Trismegistus. Essa visão afirma que o Uno impessoal, por meio de emanção, irradia e propaga sua substância divina em tudo o que existe; divinizando a totalidade do mundo. Não existe separação entre a essência do Criador e as coisas criadas, incluindo as criaturas. Nessa perspectiva, “a natureza impessoal do divino, encontrada em conceitos como ‘*chi, ki, prana e pneumo*’”, de religiões chinesas, japonesas, indianas e gregas, respectivamente, deu origem a vários seres espirituais; sendo que alguns assumiram corpos físicos (LARSON, 2010, p. 664). Isso inclui homens e animais que, nessa concepção, estão ligados espiritual e biologicamente. Para o hinduísmo, a semente ou “*atman*” de Brahman, o tudo ou divino fundamento do ser, está implantada em cada alma humana; a qual deve evoluir do caos para a unidade, na história cíclica da “Grande Corrente do Ser”, ao longo de muitas vidas por meio da reencarnação, rumo a união com o Uno (FERREIRA; MYATT, 2008, p. 253). Embora nem sempre sejam consideradas panteístas, outras religiões e filosofias

¹ Utilizo o vocábulo alma em respeito às citações originais dos autores; mas, esclarecendo que, em outros contextos, essa palavra é usada com o significado de “poder que dá vida a um corpo”, poder que anima (GONZÁLEZ, 2015, p. 109), ou como psique (mente). Wolff (2014, p. 28) refere que as “versões tradicionais da Bíblia traduzem a palavra hebraica néfesh como alma, da mesma forma como no francês, âme, e no inglês, soul, elas lançam mão da tradução de” néfesh por psyché na Bíblia grega e por anima na latina.

apresentam alguns elementos semelhantes em sua cosmovisão; às vezes sincretizada com o cristianismo ou teorias da física. Como é o caso da escala de purificação ou evolução espiritual kardecista, a disciplina de diminuição da personalidade individual rumo ao estado de nirvana budista, a hierarquia e animismo dos orixás e quase impessoalidade de Olorum do candomblé; e, o “Aquele que é sua Alma, o Controlador interior”, descrito nas obras de Fritjof Capra (FERREIRA; MYATT, 2008, p. 254). Para os budistas, por exemplo, a vida humana não começa na união de óvulo e espermatozoide, mas já estava presente em tudo o que existe;

- b) preexistencialismo das almas. Segundo “a teoria de Platão”, antes de nascer neste mundo, as “almas racionais” ou espíritos das pessoas existem no mundo superior das ideias ou céu, muito antes dos corpos decaídos serem concebidos no ventre das mães (GONZÁLEZ, 2015, p. 114). Na Antiguidade, essa ideia foi defendida pelo teólogo cristão Orígenes (185-254 d.C.), que alegava as almas como intelectos caídos, para os quais Deus havia criado a morada temporária chamada Terra. Entretanto, esse pensamento foi declarado anátema no Concílio de Constantinopla (Quinto Concílio Ecumênico, ano 553 d.C.) (GONZÁLEZ, 2015, p. 114). E, hoje, essa teoria não tem apoio de teólogos católicos nem de protestantes, porque “não há sustentação para tal tese na Bíblia” (GRUDEM, 2010, p. 399);
- c) criacionismo. Aqui, a compreensão é de que Deus diretamente dá existência a uma nova alma/espírito para cada pessoa humana, em algum momento entre a concepção do embrião (fecundação com formação do zigoto em 24 horas) e o aparecimento dos primeiros sinais de vida (GONZÁLEZ, 2015; GRUDEM, 2010, p. 398). Essa é a compreensão aceita pela maioria dos cristãos, incluindo o entendimento oficial da Igreja Católica; compreendendo que a vida de uma pessoa começa já no zigoto (visão genética), quando o Criador dá origem a sua criatura. Para a embriologia, a vida começa na 3ª. semana de gravidez, quando é estabelecida a individualidade humana, porque o embrião não é mais capaz de se dividir e dar origem a duas ou mais pessoas. Por ultrassonografia, é possível detectar batimentos cardíacos ainda na fase

de embrião (entre a 5ª. e 8ª. semanas; medindo entre 4 milímetros e 1 centímetro); e, a Neurologia consegue perceber atividade cerebral a partir da 8ª. semana. Essa tese do criacionismo para a origem do espírito também é aceita no judaísmo, islamismo e na vertente hinduísta que crê na união de alma e matéria no momento da fecundação (MUTO; NARLOCH, 2016);

- d) traducianismo [algumas publicações trazem como traducionismo]. Sustenta que a alma e o corpo da criança são herdados dos pais, no momento da concepção. É uma tese também principalmente cristã, que facilita a explicação do pecado original de Adão e Eva sendo transmitido hereditariamente por uma alma corpórea; justificando porque as criaturas humanas, embora sejam agentes livres, nascem com uma liberdade inclinada a desobedecer a lei do Criador (*non posse non peccare*, dos escritos de Santo Agostinho). Essa proposição foi defendida por Tertuliano de Cartago (150-220) e Martinho Lutero (1483-1546). Grudem (2010, p. 400) entende que é possível que Deus use causas intermediárias ou secundárias (a herança dos pais) na formação do espírito humano, sem deixar de acreditar que, ao mesmo tempo, Deus possa criar uma alma/espírito no momento de cada concepção humana (GONZÁLEZ, 2015; GRUDEM, 2010). Nessa compreensão que compatibiliza criacionismo e traducianismo, pode-se afirmar que, na óptica teológica cristã, com sua doutrina do pecado (hamartiologia), da mesma forma que Caim e Abel, todo ser humano nasce com a bondade moral da imagem e semelhança de Deus e, também, com a maldade da imagem e semelhança dos seus pais (PORTE JÚNIOR, 2016, p. 78).

No que diz respeito a importância da religião para a Psicologia humana, vemos que, contrariamente à Sigmund Freud (1856-1939), para o qual a religião era a neurose obsessiva da humanidade, produzida pelo desejo infantil de expressar amor ou ódio ao pai, Jung (1978) afirma que a devoção religiosa pode atuar como um meio defensivo contra um grave risco em uma pessoa portadora de neurose. Ratificando Jung, Frankl (2017) afirma que a ausência de religião é que é a causa de neuroses. Ou seja, se o sentimento inconsciente de devoção religiosa, que todo ser humano tem, for reprimido por uma racionalidade técnica despótica, ele atrofia e degenera-se

em superstição ou “religiosidade psiquicamente doente” (FRANKL, 2017, p. 66). Somente nesse sentido clínico de uma religiosidade “desventuradamente reprimida” é que, sendo inconsciente, “pode ser patogênica” (FRANKL, 2017, p. 64, 66). E, em relação à religião ou irreligião, é tarefa da análise existencial, melhor comunicada como “análise dirigida à existência”, oportunizar o paciente o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente a sua devoção religiosa, sem nenhuma pretensão de ser uma terapia confessional (FRANKL, 2017, p. 26, 69).

Na sua antropologia filosófica, existencial e psicológica do homem como um ser não apenas biopsico, mas também espiritual, Frankl usa os termos *logos* e Logoterapia no seu sentido platônico e aristotélico de “fato e consequências da razão humana”, conferindo ao espírito o atributo noético (*nôus*: inteligência, no grego, *intellectus* no latim) da existência humana (LISAGOR, 2010, p. 523). Mas, ainda naquela época grega, *nôus* era alma, experimentadora de sentido, de significado, de propósito, de *telos* (DuBOSE, 2010, p. 740). Além disso, a transcendência do termo *logos* remete ao seu sentido estoico, como ordem cósmica racional ou lógica divina dinâmica que age no mundo e em cada ser humano (LISAGOR, 2010, p. 523, 524; CÁRDENAS, 2016). Entretanto, longe da visão estoica de um destino impessoal, predeterminista e fatalista, que toma o lugar misterioso e transcendente do Ser divino, pessoal e provedor, e da imanente liberdade da vontade humana, o *logos* de Frankl lembra muito mais a palavra hebraica transliterada para o português como *ruash*. Frankl era filho de pais judeus que viviam em Viena, e esteve preso em campos de concentração do holocausto nazista, onde a vida de sua primeira esposa, de seus pais, de sua sogra, de um irmão e de vários amigos foi ceifada (KLINGBERG, 2010, p. 334). Segundo Wolff (2014, p. 62), o vocábulo *ruash* é usado no Antigo Testamento bíblico como um conceito teo-antropológico, com cinco designações:

- a) vento, sopro de Deus, que paira sobre as águas (*Espírito de Deus*), e causa mudanças, às vezes tempestuosas. Mas, também é usado para se referir à respiração humana, sem a qual a vida é ceifada;
- b) força vital, fôlego que vem de Deus, que cria vida e capacita o ser humano à ação;
- c) espírito (com letra “e” minúscula) como órgão do conhecimento, da compreensão e do juízo autônomo, autorizado e à disposição do Espírito

de Deus. Em linguagem frankliana, podemos falar em consciência imanente com responsabilidade perante o transcendente;

- d) temperamento ou estado de ânimo, que pode ser longânime/paciente (respiração longa), aflitivo (respiração curta) ou angustiado;
- e) força de vontade, determinação e querer consciente para fazer o que deve ser feito perante a responsabilidade para com Deus (WOLFF, p. 69, 2014).

Na visão de Frankl (2017, p. 48), como toda liberdade tem um “de quê” e um “para quê”, a liberdade da vontade do ser humano é a capacidade pessoal que o “eu” tem de poder se libertar “diante de seu id”. É uma liberdade de... escolher não ser impulsionado por sua instintividade inconsciente de *non posse non peccare*. É a autodeterminação poderosa de dizer não aos impulsos e instintos. E, o “para quê” é sua responsabilidade perante a consciência, que é um fato psicológico imanente, mas também é um fenômeno transcendente, porque tem origem extra-humana, é “algo diferente, algo mais do que eu”; como modelo, “uma espécie de posição-chave a partir da qual se revela a transcendência essencial do inconsciente espiritual” (FRANKL, 2017, p. 51). Em outras palavras, nós somos senhores de nossa vontade em nossa existência; e, somos servos de nossa consciência, porque ela é algo superior ao nosso eu, uma instância extra-humana e “onticamente irreduzível”, na qual “o dever precede ontologicamente ao querer” (FRANKL, 2017, p. 53, 55). Ademais, só posso escutar e ser responsável perante a “voz da consciência” quando o diálogo for verdadeiro, “mais que um simples monólogo, quando minha consciência for mais do que meu eu, quando for porta-voz de algo distinto de mim”, como “palavra referente ao tu de Deus” (FRANKL, 2017, p. 49, 55). Ou seja, nessa perspectiva, o homem tem uma consciência originada na “profundidade intuitiva e não racional do inconsciente espiritual” que o capacita “sintonizar a lei ‘eterna’, a ‘lei moral’, com a respectiva situação concreta de uma pessoa concreta”. Pelo exposto, “o ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável” (FRANKL, 2017, p. 32, 33, 34, 21). Mais ainda, a própria vida chama o ser humano a responder por suas demandas, por sentidos a serem realizados; “e ao responder às questões que a vida lhe coloca, torna-se responsável” (AQUINO, 2014, p. 23). Como um bem precioso que permite ao homem encontrar sentido de vida incondicional até nos momentos mais angustiantes de sua vida finita e limitada, a

liberdade do espírito humano, paradoxalmente, pode ser geradora do bem e do mal; como nos evidencia a experiência de Frankl como prisioneiro no holocausto nazista:

No campo de concentração, por exemplo, nesse laboratório vivo e campo de testes que ele foi, observamos e testemunhamos alguns dos nossos companheiros se portarem como porcos, ao passo que outros agiram como se fossem santos. A pessoa humana tem dentro de si ambas as potencialidades; qual ser concretizada, depende de decisões e não de condições. Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai Nosso ou o *Shemá* Israel. (FRANKL, 1994, p. 114)

3 HOMO DIVINUS

Na concepção de Viktor Frankl, sendo diferente dos animais, o homem tem uma liberdade da vontade, que o capacita como um ser que decide, livre e responsável; mas, que também o motiva com uma vontade de sentido, uma sede e fome que o fazem ansiar pela água e pão da vida. Assim, aberto para o mundo, onde encontra razões para atuar, o ser humano se depara com o sentido da vida, na medida em que realiza valores e sentidos em sua existência. Nessa linha de pensamento frankliano, Aquino (2021, p. 524) afirma que o que parecia ser apenas *Homo sapiens* se decompõe em:

- a) *Homo faber*, que inventa e produz algo novo;
- b) *Homo amans*, que encontra sentido no amor a alguém ou algo;
- c) e *Homo patiens* que, mesmo diante do sofrimento e de sua limitada finitude que o induzem a lutar, fugir ou congelar, decide encontrar significado na vida.

Além disso, sendo também um ente espiritual, esse *Homo sapiens faber amans patiens* pode não se acomodar à imanente concretude do mundo visível, e avançar na busca de relacionamento com o “supra Ser”, como o sentido último da existência, sentido absoluto, metassentido, suprassentido; que fornece “sentido para os sentidos situacionais e pessoais” na vida (AQUINO, 2021, p. 529). Dessa forma, como *Homo religiosus*, o homem mergulha na transcendência vertical espiritual de um mundo que está para além do mundo humano, procurando relação pessoal com o “*Tu absoluto*”,

o ser indizível e supranatural que, ao mesmo tempo, está perto e imanente e está longe e transcendente, rompendo a fronteira espacial e temporal da dimensão humana (AQUINO, 2021, p. 527). Porém, ainda assim, o homem mantém a autonomia de poder decidir acreditar na visão “de que tudo é desprovido de sentido ou se existe um sentido encoberto por trás de tudo”, ou vontade secreta divina providencial por trás de todos os acontecimentos (FRANKL, 2017, p. 107). E, se Agostinho de Hipona, João Calvino, Herman Bavinck, Pierre Teilhard de Chardin, John Stot, Francis Sellers Collins, Alvin Plantinga e outros estudiosos das Ciências da Religião e Teologia estiverem certos, com sua livre consciência e instinto natural da consciência da divindade (*sensus divinitatis*), o *Homo sapiens sapiens* (homem que sabe o que sabe) tem a potencialidade de acreditar que é homem com ciência (“*Homo scientia*”) e com semelhança divina (“*Homo divinus*”), porque pode descender tanto do *Homo erectus* quanto da imagem e semelhança de Deus (BAVINCK, 2012, v. 2, p. 67, 72, 73; BEIT-HALLAHMI, 2021, p. 364; CONNOLLY, 2016; PLANTINGA, 2018, p. irregular; STOT, 2005, p. 63; STUMP, 2020).

À luz dessa última compreensão, o ser humano, como *Homo divinus* pode se permitir ser fabricado como nova criatura, que ama a Deus sobre todas as coisas e que encontra alegre significado e força que o faz florescer diante do sofrimento. Isso acontece quando o *Homo sapiens* aceita ser aceito como *Homo divinus*, que transcende e deriva-se do *Homo faber*, *Homo amans*, *Homo patiens* e *Homo religiosus*. Enfim, ainda como concepção frankliana e, parafraseando parcialmente Aquino (2021, p. 531), podemos dizer que o sentido último da existência, que está no supra *Ser* (Deus), se relaciona com o sentido do universo (visível humano e invisível supra-humano), que se relaciona com o sentido de uma vida humana em sua totalidade, que se relaciona com os sentidos na vida. Esses sentidos na vida são individuais, pessoais e situacionais, e se expressam na livre decisão de acreditar ou não, e buscar relacionamento com aquele *supra Ser*, e de produzir obras, amar e encontrar sentido no ou apesar do sofrimento.

Frankl (2014, 2020, p. 103) conta que, em um dos campos de concentração onde esteve preso durante o holocausto nazista, encontrou duas pessoas que se queixavam de que não esperavam mais nada da vida; “determinadas a cometer suicídio”. Naquela situação, Frankl tentou deixar claro para elas que, em vez de

esperar algo da vida, “a vida é que aguardava algo deles”. Todo ser humano deve perguntar: o que a vida espera de mim? “[...] quem ou o que espera por mim – um homem, uma obra, uma pessoa ou uma coisa? E: quem espera algo de mim [...]”? (FRANKL, 2014, p. 150). Nessa compreensão, como seres responsáveis e livres, nós é que temos que responder a algo ou a alguém na vida, assumindo a responsabilidade de atender ao chamado atrativo do valor da própria vida. A vida convoca cada ser humano para uma missão a realizar que é somente dele, como ser essencial e existencialmente único, “nem descartável, nem substituível” (FRANKL, 2020, p. 54). Mas, e se, para aqueles prisioneiros, essa espera provasse não ter nenhuma perspectiva de realização? Há situações em que é certo que um homem jamais retornará a um trabalho ou verá novamente certa pessoa, de forma que seja verdade que nada e ninguém já espera por ele. Frankl (2020), então, responde:

Contudo, ainda assim, ocorre que na consciência de cada ser alguém estava presente, estava invisivelmente ali, talvez já sem vida, mas presente e à disposição, de alguma forma, “ali” como o Tu do mais íntimo diálogo. Para muitos, era o primeiro, o último e definitivo Tu: Deus. Mas quem quer que seja o ocupante desse lugar, o importante era perguntar O que ele espera de mim – isto é, que tipo de atitude me é exigida? Então a questão derradeira era o modo pelo qual a pessoa entendia como sofrer ou sabia como morrer (FRANKL, 2020, p. 104).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a Antropologia filosófica existencial de Frankl (2020), o homem não é uma coisa qualquer que se relaciona com as outras coisas apenas com tropismos ou instintos, mesmo que voltados para um equilíbrio homeostático. Como ser tridimensional biopsicoespiritual, a dimensão espiritual ou noológica diferencia o homem dos animais e de outros seres vivos:

[...] o homem é mais que psiquismo: o homem é espírito. Por meio do ato de sua própria autotranscendência, ele deixa o plano do meramente biopsíquico e adentra a esfera do especificamente humano, a dimensão noológica. A existência humana é, em sua essência, noética. O ser humano não é uma coisa entre outras coisas: coisas determinam-se umas às outras, mas o homem se autodetermina. Na verdade, o homem é livre e responsável, e esses constitutivos de sua espiritualidade, isto é, liberdade e responsabilidade, jamais devem ser obscurecidos pelo que se chama de reificação ou despersonalização do homem (FRANKL, 2020, p. 69).

Segundo Frankl (2020, p. 104), no contexto tenebroso dos campos de concentração nazistas, o que valia era o preceito: “*primum philosophari, deinde mori* – primeiro filosofar, depois morrer”. Isto era o válido: prestar contas a si mesmo sobre a questão do sentido último e, depois, conseguir andar de cabeça erguida e morrer a morte exigida do mártir (FRANKL, 2020).

Em relação à devoção religiosa, Frankl (2014) afirma que, mesmo nos momentos de sofrimento, o “homem religioso” é capaz de encontrar sentido e é, de certa forma, “imune ao desespero: pois ele sabe que mesmo neste caso Deus ainda espera algo dele”, como “um espectador invisível” (FRANKL, 2014, p. 151). Assim, a pessoa espiritual é acionada “pelo ‘supersentido’, por um absoluto”, e pelo mundo objetivo do sentido (FRANKL, 1978, p. 155). Segundo esse autor, o homem religioso vivencia a existência como tarefa concreta, mas também como “*missão pessoal*” (FRANKL, 2014, p. 147, grifo do autor). Como alpinista em suas horas de lazer, Frankl (2017, p. 52) nos lembra que a religiosidade envolve o risco de escalar picos mais altos e envoltos por neblina, mas é por meio dessa fé que se consegue encontrar o sentido da vida até no sofrimento. Na devoção religiosa sadia, na qual o homem se apegava ao perdão misericordioso de um Deus amoroso, as aflições são mais facilmente enfrentadas com ânimo e paz incondicionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Orison Nunes de. *Teologia Sistemática III: Antropologia e Soteriologia*. Apostila de curso de Educação a Distância. Londrina: Faculdade Teológica Sul Americana, 2016.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014. *E-book*.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar. O homo religiosus segundo Viktor Frankl: apontamentos para uma filosofia da religião. *Paralellus [On-line]*, Recife, v. 12, n. 30, p. 521-543, 2021.

BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática: fundamentos teológicos da fé cristã*. São Paulo: SOCEP Sociedade Cristã Evangélica de Publicações, 2001.

BAVINCK, Hermann. *Dogmática reformada*. V. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BEIT-HALLAHMI, Benjamin. Challenges to an Evolutionary Perspective on Religion. In: LIDDLE, James R.; SHACKELFORD, Todd K. *The Oxford Handbook of*

Evolutionary Psychology and Religion. Oxford Library of Psychology Series. New York: Oxford University Press. p. 356-373. 2021. *E-book*.

CÁRDENAS, Óscar G. Flantrmsky. Lógica y divindad en el estoicismo. *I+D Revista de Investigaciones*, v. 8, n. 2, p. 83-90, 2016.

CONNOLLY, John M. Meister Eckhart: Philosopher of Christianity.(Book review). *The Catholic Historical Review*, v. 102, n. 4, p. 831-832, 2016.

DuBOSE, Todd. Psychotherapy. In: LEEMING, David A.; MADDEN, Kathryn; MARLAN, Stanton (ed.). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. New York: Springer Science, 2010. p. 739-742. *E-book*.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal/Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANKL, Viktor Emil. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal. Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em Logoterapia*. São Paulo: É Realizações, 2020.

GEISLER, Norman L; FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: atual e exhaustiva*. 2. ed. reimpressa em 2015. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KLINGBERG, Haddon. Frankl, Viktor. In: LEEMING, David A.; MADDEN, Kathryn; MARLAN, Stanton (ed.). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. New York: Springer Science, 2010. p. 333-336. *E-book*.

LARSON, Paul. Pantheism. In: LEEMING, David A.; MADDEN, Kathryn; MARLAN, Stanton (ed.). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. New York: Springer Science, 2010. p. 663-664. *E-book*.

LEEMING, David A.; MADDEN, Kathryn; MARLAN, Stanton (ed.). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. New York: Springer Science, 2010. *E-book*.

LISAGOR, Meredith. Logos. In: LEEMING, David A.; MADDEN, Kathryn; MARLAN, Stanton (ed.). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. New York: Springer Science, 2010. p. 523-525. *E-book*.

LUKAS, Elizabeth. *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MEIRELES, Marcos Vinícius da Costa. *O Homo religiosus: a antropologia filosófica de Viktor Emil Frankl*. 2015. 122 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Mestrado em Ciência da Religião, 2015.

MIELE, Neide; POSSEBON, Fabricio. Ciências das Religiões: proposta pluralista na UFPB. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 15, n. 2, p. 403-431, 2012.

MUTO, Eliza; NARLOCH, Leandro. *Quando a vida começa?* SUPER Interessante. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/vida-o-primeiro-instante/#:~:text=A%20vida%20come%C3%A7a%20na%203%C2%AA,a%20duas%20ou%20mais%20pessoas>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

PLANTINGA, Alvin. *Conhecimento e crença cristã*. Brasília, DF: Academia Monergista, 2018. *E-book*.

PORTE JÚNIOR, Wilson. *Depressão e graça: o cuidado de Deus diante do sofrimento de seus servos*. São José dos Campos: Fiel, 2016.

STOTT, John. *Entenda a Bíblia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

STUMP, J. B. Did God Guide Our Evolution? *Perspectives on Science and Christian Faith*, v. 72, n. 1, p. 15-20, 2020.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2014.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. Introdução à edição brasileira. In: FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. p. 5-9.